

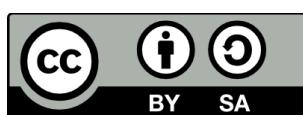
Germano Ernesto de Souza Limeira (1839-1887)

Canção da escrava
Palavras do Drama Cenas da escravidão

Editoração: Thiago Rocha
Instituição: Núcleo de Estudos Musicológicos
da Universidade Federal da Bahia

voz, piano
(*voice, piano*)

5 p.



Canção da escrava

Palavras do drama Cenas da escravidão

Germano Ernesto de Souza Limeira

Adagio

Canto

Piano

Tris - te vi - da é da es - cra - va

Sem des - can - çõ po - der ter! Con - dem - na - d_a tra - ba -

lhar, _____ Tra - ba - lhar a - té mor - rer!

10

Lo - go ao rom - per d_au - ro - ra,
A - o sig - nal do chris -
tão,
Cor - re_à sen - za - la_o fei - tor
Com o chi - co - te na mão
Cor - re_à sen - za - la_o fei -
tor
Com o chi - co - te na mão.

13

16

19

22

Le - van - ta_{es} - cra - va, le - van - ta, Le - van - ta p_{ra} tra - ba -

lhar! As - sus - ta - da el - La - cor - dan - do põ - e - se

25

lo - go_a car - re - ar. Co - mo_é cru - el o meu

fa - do, Quan - to é du - ra_a - mi_{nha} sor - te! Quei - ra

fa - do, Quan - to é du - ra_a - mi_{nha} sor - te! Quei - ra

34

Deos p_ra meu des - can - so, Li - ber - tar - me com a

37

mor - te! Quei - ra Deos p_ra meu des - can - so, Li - ber -

40

tar - me com a morte.

Canção da escrava

Triste vida é da escrava
Sem descanso poder ter!
Condemnad'a trabalhar,
Trabalhar até morrer!

Logo ao romper d'aurora,
Ao signal do christão,
Corre à senzala o feitor
Com o chicote na mão.

Levanta, escrava, levanta,
Levanta p'ra trabalhar!
Assustada ell'acordando
põe-se logo a carrear.

Como é cruel o meu fado,
Quanto é dura a minha sorte!
Queira Deos p'ra meu descanso,
Libertar-me com a morte.